

# Nem tudo que é mercúrio polui, provam estudos

Da Reportagem Local

Nem toda área de garimpo é, necessariamente, uma vítima provável de contaminação ambiental por mercúrio —mesmo que ele esteja presente em grandes quantidades. Às vezes, as características de um ecossistema não favorecem a transformação desse metal pesado em suas formas orgânicas, que se espalham mais rapidamente e são as responsáveis pelos efeitos tóxicos nas águas, sedimentos, microrganismos e peixes —e daí para os seres humanos. A sugestão de que a mineração de ouro nem sempre é causa de alarme partiu de pesquisadores que, desde março do ano passado, investigam uma represa no Pantanal Mato-grossense, na cidade de Poconé, que desde o início dos anos 80 reviveu seu ciclo do ouro. As conclusões desse trabalho deverão ser divulgadas dentro de algumas semanas em um relatório.

Inicialmente, os pesquisadores do Centro de Tecnologia de Mineração (Cetem), ligado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foram chamados a Poconé para um projeto de saneamento. A represa Tanque dos Padres, que serve de fonte de captação de água para os garimpeiros, estava recebendo acúmulo de sedimentos em suas margens. O Tanque dos Padres é formado pelo estrangulamento de um córrego pela rodovia Transpantaneira. O córrego, por sua vez, carrega sedimentos —e algum mercúrio— rumo ao Pantanal.

A primeira idéia era recuperar

a represa, com a retirada de suas margens do excesso de sedimento. Mas, depois de alguns testes, o Cetem começou a achar que o caso era de trocar os operários por pesquisadores e transformar o local em "objeto de pesquisa, e não de remoção", diz o químico Alexandre Pessoa, um dos coordenadores do projeto Poconé.

A primeira providência foi mapear os focos de mercúrio e descobrir se o metal estava se disseminando ou se ficava onde havia sido jogado. Segundo Pessoa, verificou-se que 95% do areal em torno da represa "não têm nada". Os focos permanecem junto às margens e sequer têm "halos" de contaminação em volta. Em certos focos, diz o químico, a concentração é de 20 partes por milhão (ppm), ou seja, muito alta. Mas, a três metros de distância, os valores já caem para 200 partes por bilhão (ppb).

"Mesmo assim", diz Pessoa, "tem gente que ainda quer tirar o mercúrio de lá". Os pesquisadores vêem isso com receio. Não é fácil dispor de um material como o mercúrio e, com sua remoção, o metal pode ser acidentalmente lançado em um local onde encontre condições propícias para ser assimilado pelo ambiente.

O que há de especial no Tanque dos Padres, segundo Pessoa, é que suas condições de salinidade e pH não são o que há de melhor para transformar o mercúrio usado pelos garimpeiros em sua forma ionizada (em que o átomo é mais "reativo"). Isso dificulta muito o trabalho de certas bactérias especializadas em "reduzir" o metal para sua forma orgânica

(metilmercúrio), em que pode ser facilmente assimilado pelo ambiente e por animais —além de homens. Essas bactérias, chamadas metanogênicas, praticamente não conseguem "metilar" mercúrio não-ionizado. Uma das provas de que não há metilação significativa no Tanque dos Padres, diz Pessoa, é que quase não se encontrou mercúrio nos caramujos que moram na represa.

Para este ano, o objetivo do projeto Poconé é concluir a criação de um modelo de pesquisa sobre mercúrio "que possa ser aplicado em qualquer área". Embora a meta dos pesquisadores não seja "minimizar os possíveis efeitos do garimpo", diz Pessoa, eles vêm desenvolvendo metodologias de análise em pequenos laboratórios de campo, técnicas de intervenção —prevendo inclusive retirar mais ouro com menos impacto ambiental— e pesquisas sobre o ciclo bioquímico do metal. Além disso, afirma o pesquisador, o Cetem tentou também fazer um trabalho de caráter jurídico e sociológico para "entender as relações do garimpo".

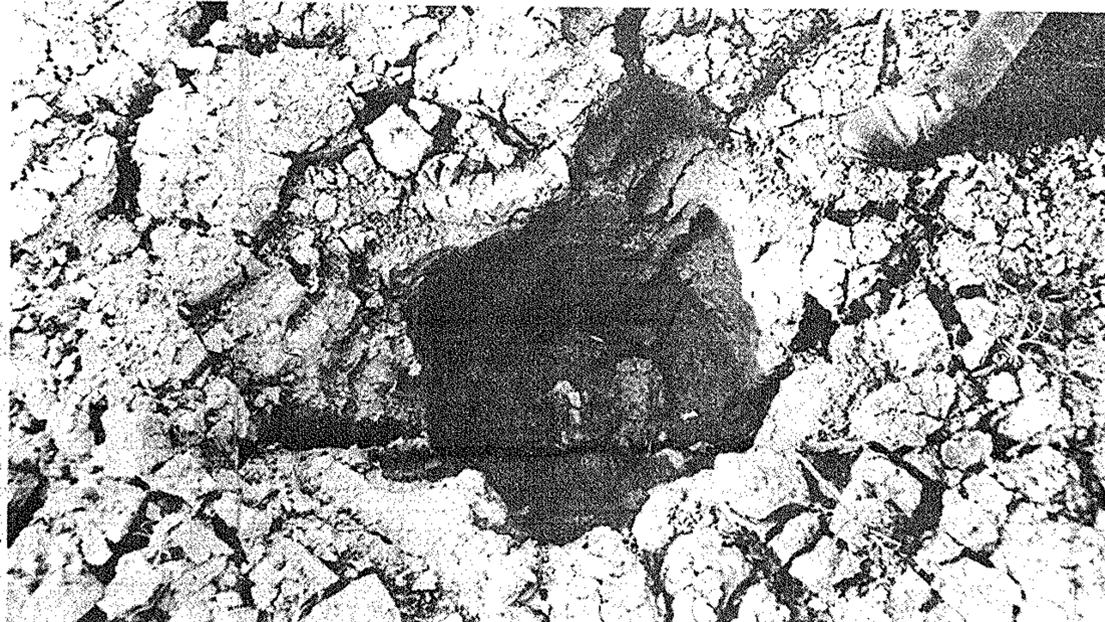
Uma das conclusões, diz Pessoa, é que a justificativa mais comum para o amplo descarte de mercúrio no garimpo —garimpeiros despreparados, trabalho artesanal— é válida apenas em (muito) pequena parte. Em uma semana, afirma, os pequenos garimpeiros perfuram o que um garimpeiro "minimamente" mecanizado é capaz de retirar em uma hora. O pesquisador acha que é essencial normatizar a atividade de forma que se revele os grandes mineradores "escondidos por trás do garimpeiro". (IB)



Garimpeiro de Poconé recolhe ouro com bateia, um dos equipamentos mais utilizados para esse fim



O Tanque dos Padres (à esq.), que tem seu ponto de estrangulamento junto à rodovia Transpantaneira



Uma das perfurações onde o material extraído apresentou grande concentração de mercúrio em bateia